

Illustração

PORTUGUEZA

DIRECTOR:
CARLOS MALHEIRO DIAS
DIRECTOR ARTÍSTICO:
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GARCIA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Imprecção
Rua Formosa, 41-ETISBOA



No Paiz do Vinho: A actriz Etelvina Serra
(Cliché da PHOT. VASQUES)

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colónias e Hespanha

Por anno 4800 réis
 • semestre 2400 "
 • trimestre 1800 "

Assignatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humorístico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colónias e Hespanha
 Por anno 8800 réis
 • semestre 4800 "
 • trimestre 2800 "
 • mez (em Lisboa) 700 "



Meio seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente

GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

Aoenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Br
 Ph-macie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

Omnicolor

PHOTOGRAPHIA CORES

Societé JOUGLA

Ourivasaria "CHRISTOFLE"

Uma Só e Unica Qualidade

A Melhor

Para obtela e tambem
EXIJA-SE esta Marca



o Nome "CHRISTOFLE"
 sobre cada peça.

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

PARFUM
 POMPEIA



L.T.PIVER
 PARIS

CASTANHEIRO

ARTIFADORES ESTOFADORES

PRAÇA LUÍZ DE CAMÕES 88 - LISBOA

TELEF. 13-46
 ENDEREÇO TELEGRÁFICO (CASTAL)

AS CRIANÇAS

DESFORRA



O Antonio com fato de marinheiro, de calças até aos pés
(Clichê da phot VIDAL & FONSECA)

Um certo Antonio já tem quatro annos, mas ainda de manhã é sempre a mãe que o vae lavar e vestir, e á noite é ella tambem que, já depois de o despír, na sua cama lavada, lho quentinha e conchegada o deixa, tudo, a dormir.

Mas hontem-á n'ite, porém a mãe já acompanhava o Antoninho a deitar disse o pae, quasi ralhando, —isto, assim, tem de acabar!... «quando eu'tinha quatro annos «Antonio, já me julgava «se já era...» um homenzinho: «já me vestia e lavava «se me despia sózinho!...» —Quatro annos? exclamou Antoninho com viveza, exaggerando a surpresa que este dito lhe causou...

Hontem á noite, porém, foi ainda a doce mãe que para a cama o levou; e o pequenino a beijava, quasi até agormecer, como quem mais se apegava ao goso que ia perder...

A fazer longa visita a sua avó, que faz annos hoje o Antonio sae janota... Calçou p'la primeira vez uma larga e rija bota deixou a curta saita por fato de marinheiro, de calças até aos pés, e elle ahí vae prazenteiro...

Porém a avó vendo entrar o seu neto, transformado n'um marujo prompto e lésto, vencedor do mar irado... exclamou n'um largo gesto:

—Ora viva! como vae.
—este homem feito á pressa? E vae responde o Antoninho com ironico risinho, zombando d'estes enganos:
—Feito á pressa era o meu pae, «que se vestia sózinho, «quando tinha quatro annos!...

CANDIDA AVYRES DE MAGALHÃES.

HABITAÇÕES · ARTÍSTICAS

A CASA DO SR. LOPES ROBERTS

A casa de Lopez Roberts, dissera-me alguém que conhecia de perto o talentoso e insinuante secretário da legação de Hespanha, é um verdadeiro santuario onde se presta fervoroso culto ao amor familiar e á Arte nas suas mais brilhantes manifestações. Uma hora que v. passe no palacio da rua Formosa junto de D. Mauricio, da sua intelligente e bondosa esposa e dos seus adoráveis filhos, bastará para que lhe fique uma eternecida e duradoura impressão d'essa visita;

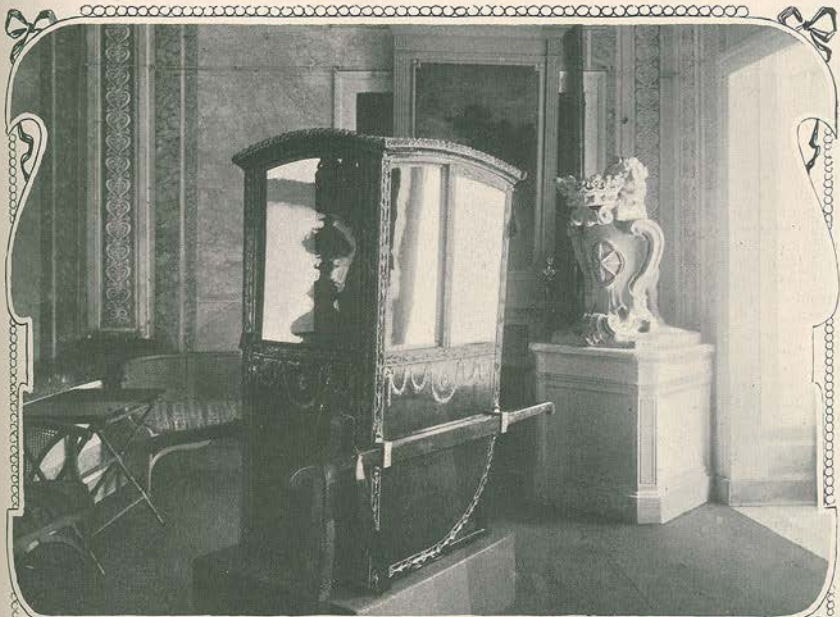


não falando em outra impressão por igual consoladora, a que lhe deixará o exame das dezenas de preciosidades artisticas que terá occasião de admirar nos salões do brilhante novelista que a diplomacia conduziu, em boa hora para nós, a terras de Portugal.»

Tive ensejo de verificar que não era exagerado o aviso. D. Mauricio Lopez Roberts pode orgulhar-se da triplíce aristocracia que accusam, o seu nascimento, o seu talento e o seu coração. Entrar na sua casa é, como bem disse o meu



1—O sr. Lopez Roberts
(Cliché da phot. VASQUES)
2—Casa de jantar



informador, entrar n'um santuario, cujo aspecto de deliciosa calma de longe em longe um movimento de festa perturba por algumas horas, sem que possa todavia destruir o que esse aspecto tem de fidalgamente acolhedor.

Estive pela primeira vez na linda vivenda da rua Formosa para uma permuta de impressões sobre assumptos litterarios com o auctor da *Esfinge Sonrie*. Subindo a larga escadaria do palacio Pomal, cujo braço de armas se vê ainda nos vitraes artisticos do guarda vento, logo percebi o escrupuloso cuidado, posto pelo actual habitante d'essa esplendida moradia, na conservação de todos os detalhes decorativos que recordam a fidalga tradição da casa na sua austera e



dominadora grandeza. Nenhuma exuberancia de ornamentação; uma larga passadeira vermelha listrado o granito dos degraus, orlada de algumas plantas de interior. No alto do primeiro patamar, sob as esguias janelas onde a luz é coada por grandes transparentes brancos, vê-se apenas a figura em granito d'uma divindade mythologica. Ao centro do segundo patamar, está uma linda cadeirinha do seculo XVIII, de fundo negro, orlado o revestimento de rendilhados metallicos. Uma estatueta de Hercules ladeado por dois leões sustentando o escudo de armas do marquez de Pomal fórma um contraste, singularmente suggestivo de força nobre e altiva, com a nota garrida e

1—A liteira no patamar: ao fundo o escudo do marquez de Pomal
2—Escada principal

delicada que dá ao local a linda cadeirinha, parecendo aguardar ali a saída de algumas d'essas preciosas figurinhas de mulher que animaram os salões no tempo de Sebastião José de Carvalho e Mello. A minha phantasia irrequieta visionava até um episodio galante, quando alguem ergueu o pesado reposteiro de veludo. Dissipou-se a illusão rapidamente; o creado convidava-me a entrar e a meio

do primeiro salão, que é o gabinete de trabalho de Lopez Roberts, avistava o diplomata e escriptor, risonho, estendendo-me affectuosamente as suas mãos amigas como se eu fôra um velho conhecimento. E foi n'esse mesmo salão, sentados n'um pequeno sofá junto da sua secretaria—onde algumas rosas irrompiam victoriosamente d'um vaso de faiança antiga, que a nossa palestra



começou. A espaços, o meu olhar percorria curioso esse gabinete onde o brilhante litterato terá pensado e escripto algumas das admiráveis paginas das suas novelas; e avisto um magnifico retrato a oleo de Lopez Roberts assignado por Sorôla, o notavel pintor hespanhol actualmente na America a fazer o retrato do presidente Taft; adeante um quadro de Battoni, sobre a meza,

nos contadores marchetados,—circumdando os bronzes artisticos, as velhas faianças hespanholas de Talavera e outras antigas fabricas, retratos com affectuosas dedicatorias, de el-rei D. Manuel—presente do soberano a Lopez Roberts o anno passado em Cintra,—da infanta D. Isabel, da duqueza de Saxe, de Moret, da condessa de Pardo Bazan, de Juan Valera, da eminente Guerrero e de actor-aris-



2—Outro aspecto do patamar com a liteira
2—Sala de recepção

tocrata Diaz de Mendoza, — uma verdadeira assembléa geral, pela photographia, de vultos em evidencia na alta sociedade, nas artes, na litteratura, na politica de Hespanha. Mais além, junto d'um gladiador em bronze, vejo a photographia, com dedicatória, d'um quadro — Santa Theresza — da sr.^a Duqueza de Palmella; até

que o meu olhar encontra o alto e elegante fogão que se ergue ao fundo do gabinete. Lopez Roberts notando a attenção com que examino a linda peça faz a sua historia em breves palavras; a face admiravelmente cinzelada em cobre e ferro bem como o remate do fogão,

tre, alternando na decoração das paredes, com outros objectos preciosos de respeitavel edade e correspondente valia.

— Mas é um verdadeiro museu!...

Lopez Roberts sorri a esta exclamação, contemplando satisfeito as suas bellas colleções, e guia-me então amavelmente pelos salões onde a cada passo a minha attenção é solicitada pelas obras d'arte.

A seguir ao gabinete de trabalho ha a sala de palestra onde habitualmente demora a familia Lopez Roberts. E' um pequeno compartimento a cujas paredes se encostam sophás diversos, convidando ao despreocupado repouso em delicias



O boudoir de m.^{me} Lopez Roberts

eram um velho frontal de altar do seculo XVII, encontrado por D. Mauricio n'uma das suas frequentes pesquisas de antiguidades. A obra de talha, as pequenas figuras decorativas que formam o conjunto, de outros pontos vieram. E assim se conseguiu armar essa formosa peça artistica.

Antes de passarmos a outras salas, descubro ainda um velho lanternão de Sevilha que devia ter figurado n'algum d'esses longos e magnificentes cortejos religiosos que percorrem na Semana Santa as ruas pittorescas da risonha cidade andaluza. F. noto ainda uma graciosa cabeça de anjo, esculptura do seculo XVII, attribuida a Salcio, um grupo de figuras em faiança incitando a nossa attenção no fundo d'uma vitrine e pequenas telas de mes-

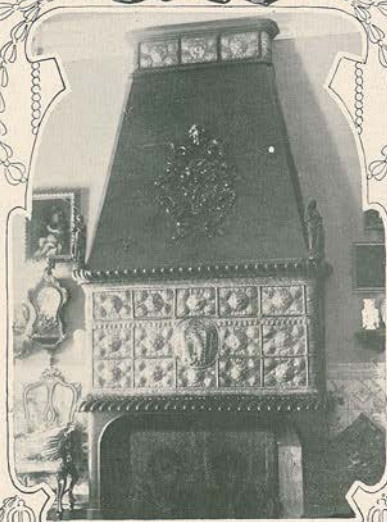
intimidade. Nas paredes, algumas aguarellas de M.^{me} Lopez Roberts — que é pintora distinctissima, — gravuras antigas, retratos de seus filhos e uma linda marinha assignada pelo sr. Pinto Basto, ajudante d'ordens d'el-rei. Passámos á sala de recepção, onde a sobriedade decorativa não exclue de modo algum o bom gosto. N'esse momento Lopez Roberts, dando-me conta das suas predilecções litterarias, falla-me com entusiasmo na obra de Eça de Queiroz que figura na sua bibliotheca entre os livros mais estimados. E como quer que me tivesse demorado um momento em frente d'uma grande tela, atrahido pelas figuritas gentis de duas creanças que o pintor tratava com o amoroso enlevo do artista, empenhado em não prejudicar a



natural graça simples dos modelos, D. Mauricio interrompeu a sua dissertação litteraria para me dizer com certo desvanecimento:

—E' o retrato dos meus filhos feito em 1907 por Sotto Mayor, director da Escola de Bellas Artes do Peru, artista de grande valia.

Na mesma sala, em lugar de honra, noto os retratos com dedicatorias de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia, da Rainha Senhora D. Izabel de Bourbon, das Infantas D. Izabel e D. Eulalia; e logo a minha attenção é solicitada por um esboceto de Goya,—o retrato de Carlos IV de manto azul e corôa real com toda a magnificencia de aspecto que era vulgar nos monarchas, em tempos idos.



E aqui estou já a variar de impressões na contemplação de alguns Saxes artisticos, delicadas figurinhas de idyllio bucolico, jarões que pequeninos amores vão engrinaldando de rosas festivamente; e mais além, destacando do claro das paredes, algumas obras primas de pintores italianos, fazem por igual negações á nossa curiosidade...

Agora, é o lindo salão Luiz XV que recebe a nossa visita. E' d'uma grande elegancia o mobiliario, que um fino tecido verde claro forradando assim maior destaque ao delicado trabalho de marcenaria artistica. Logo de entrada, noto um retrato a oleo da sr.^a condessa de Muguero, assignado por Sorôla. A sr.^a condessa é mãe

1—O gabinete de trabalho

2—O fogão

de M.^{me} Lopez Roberts, da duquesa de Marchena, da marquiza del Salar, e da condessa de Casal,—que esteve ha pouco em Lisboa de visita a sua irmã. Fidalga de raça, M.^{me} Lopez Roberts pôde orgulhar-se, como o seu marido, de o ser, por igual, nos primores do espirito e do coração. D'ahi, a viva sympathia que em Lisboa aureolou o seu nome, desde a sua apparição na sociedade elegante da capital portugueza. Do seu talento artistico, vejo provas incontestaveis no salão Luiz XV em que nos encontramos; são os quadros a oleo em que o pincel de M.^{me} Lopez Roberts tratou com

nando risonhamente a parede, um grande quadro a oleo assignado por La Pezuela, retrato do filho de Lopez Roberts, vestindo galhardamente a couraça e o saio de malha dos velhos guerreiros.

Atravessámos ainda uma pequena sala *Império* para chegar ao salão de jantar. A vista está finda. Temos feito, positivamente, a travessia d'um grande museu! Mas a attenção não se fatiga, tal a sabia disposição de cada movel, a collocação appropriada de cada objecto. Assim, sem o menor cansaço, ainda admiro uma arca de preciosa talha que serve de aparador, as bellas salvas de prata de artistico cinzela-



Salão Luiz XV
(Clichés de BENOUILLET)

rara delicadeza alguns interessantes assumptos.

De passagem para o *boudoir*, a seguir ao salão, ainda de relance avistei um retrato a oleo de Fernando VI d'um grande vigor de colorido; e, em frente, uma curiosa têla attribuida a João Ranc,—um negro tocador de clarinete, vestido á oriental, tocado d'uma expressão de risonha vivacidade, que denuncia o pincel do grande artista.

No *boudoir* de M.^{me} Lopez Roberts, uma nova collecção de obras d'arte attrahe os nossos olhares. E' o lindo mobiliario,—cada peça accusando primores de concepção e de factura, são os preciosos *bijoux*, os serviços de *toilette* em prata cinzelada e louças indianas de grande valor, os medallhões de familia, têlas com formosos aspectos de paizagens; e no logar principal, or-

mento que ornam as paredes, as faianças antigas, um tapete mural onde a corôa dos Muguiro avulta como heraldico remate ao elegante engrinaldado da composição; e, por ultimo, uma grande salva de prata que a colonia hespanhola de Washington offereceu ao pae de Lopez Roberts, quando ali esteve como ministro do seu paiz.

No peito de Lopez Roberts resplandecem nos grandes actos officiaes diversas veneras: as de cavalleiro da Legião de Honra; commendador das ordens de Francisco José, de Austria; de Isabel a Catholica; de Wasa, da Suecia; e de Christo, de Portugal; mas estamos em crêr que elle não estima menos, entre todas essas distincções, as suas palmas de official da Academia Franca, justo galardão dos seus triumphos litterarios.

LUIZ TRIGUEIROS.



D. ALICE D'AZEVEDO—E' curioso vêr como as artes estão chamando para o seu campo em Portugal as senhoras e é também interessante notar a vocação brilhante que se revela n'algumas d'ellas. A sr. D. Alice d'Azevedo é uma discipula do illustre escultor sr. Teixeira Lopes, que já se afirmou em varios trabalhos d'um certo cunho artistico e que bem demonstram não só faculdades da sua auctora mas também o cuidado que o distincto artista, seu mestre, tem posto na sua educação. Faz bem assignalar o progresso das artes em Portugal e sobretudo da esculptura, tarefa um tanto ingrata por enquanto no nosso paiz apesar de todos os impulsos que se lhe tem pretendido dar, mas que certamente dentro em pouco ha de ser compensadora para aquelles que como a sr. D. Alice d'Azevedo se lhe dedicam com toda a sua alma e com a sua predisposição artistica, como o affirmam os seus trabalhos que publicamos.

(Clichés da PHOT. GURDES)



Dois trabalhos recentes, que demonstram o desenvolvimento progressivo do talento da novel escultora, confirmando as esperanças do lisongeiro futuro artistico que as suas innegaveis disposições fazem prever

O QUE ERA A CIDADE DA REVOLTA: BARCELONA



Barcelona foi desde tempos distantes, e é ainda hoje, a capital das revoltas, e embora o seu actual movimento não se filie n'uma reivindicação patriótica, é curioso accentuar como esse sangue catalão n'um repente escandescce e logo



n'um movimento rapido começa a existir em todas as cabeças. Uma vez é o separatismo, outras o republicanism, n'outras a menor cousa, tudo isso gerado na propria raça que a habita, diferente das outras provincias hespanholas por todas as suas tradições, origens e condições. Nos conventos rezava-se, tocavam os órgãos, faziam-se preces, os frades de longos habitos enchiam os claustros, as freiras nos seus conventos julgavam-se livres de todos os perigos aos pés dos altares; nas ruas passeava-se, havia movimento nas ramblas,

serena, fazendo succeder aos prantos o riso e aos tiros o vozear alegre das cantigas.

Um jornalista francez que penetrou na cidade das ramblas famosas, que ficaram muito damnificadas com as barricadas, e das igrejas artisticas, que os incendios devoraram, notou que ainda deante dos vestigios das luctas,

em frente das arvovores arrancadas, dos vidros quebrados nas janelas das mais bellas moradias, no meio d'aquella desordem de cataclysmo, já se ouviam as vozes dos gramophones em trechos patuscos de operetta e que as vendadeiras de flôres das ramblas já estavam no seu posto, de riso nos labios, teimando em florir as botoeiras.

A cidade com as suas avenidas agora entulhadas, d'onde se arrancou a belleza, onde se torceram as canalisações do gaz, e se tiraram as pedras das calçadas para erguer as barricadas da revolta, era um canto alegre, como uma paizagem cheia de sol e de bellezas, estendida sob a lava latente d'um vulcão ha muito palpitante nas suas entranhas, vulcão que umas vezes se manifesta e

onde os carros passavam lepidos, creavam-se amores nos jardins publicos como rosas a desabrochar. Os theatros abriam as suas portas, era activa como sempre a vida do porto tão cheio de belleza e onde os navios estavam á descarga; em volta da estatua do dramaturgo catalão Frederico Soler havia gente ás tardes, na plaza da Catalunha e na da Paz havia o ruido caracteristico d'aquella cidade agitada; descansava-se no parque da Ciudadella, e os seus museus, as suas villas graciosas, os seus estabelecimentos ricos tinham a mesma vida de sempre, guardados por esse castello lendario, o Montjuich tenebroso, no interior do qual teem findado quasi todas



1 e 2—Tipos catalães de Lerida onde tambem houve tumultos
3—Egreja das Salesias, uma das trinta e seis egrejas que foram assaltadas e queimadas





destruídas; começou o acto forte da resistência contra a guarda civil, foram assaltados os estabelecimentos, arrombadas as portas dos armazéns e todas as mãos appareceram com revólvers e pistolas, levantaram-se as barricadas; a gente pacífica recolhia e ia espreitar apavora-

1—Plaza Real: Um dos lugares onde houve mais tiroteios. D'algumas janelas fizeram fogo sobre a tropa e os soldados subindo aos terraços dispararam matando todos os que se encontravam ao alcance das suas espingardas, a fim de se apaciar a revolta

as tragedias das ruas barcelonezas.

Barcelona era isto n'um dia; de repente, a pretexto da partida das tropas para Melilla, n'um rompante, alguns exaltados declararam-se em greve, a tropa busca contel-os, rebenta o tiroteio e ao cair da primeira noite da rebelião, aquellas *ramblas* começavam a ser



2—Praça da Paz: E' um titulo que parece uma ironia na cidade — das revoltas, mas que mostra os bons desejos d'uma tranquillidade fructificadora — 3—A escada da Paz no porto, vendo-se ao fundo Montjuich, onde foram encerrados os individuos apañados com armas ao mão.



da aquelle resuscitar de velhas revoltas que já lançava a desolação em toda a cidade. Nas egrejas penetravam as hor-



MORTO,
Montjuich
sinistro, appare-
cendo cor de
chumbo na alvo-
rada, já não aterro-
sava ninguém; mrs.
de repente, a tropa
recente chegada inva-
diu as ramblas meio
destruídas, atirava
sobre os revoltosos
que lhe faziam face,
procurava defender
o centro da cidade,
já que não tinha
conseguido salvar os
conventos, as egre-
jas, alguns estabele-
cimentos.

1—A rambla da Catalunha onde as tropas
acamparam bem como nas outras avenidas guar-
dando o centro da cidade

2—Um guarda civil fazendo fogo

3—A alfândega e o porto de Barcelona: Ali reinou tran-
quilidade, mas as autoridades trataram da defeza
dos innumerables valores accumulados para o despacho
e armazenagem

das; mulheres estranhas,
transfiguradas de colera, ar-
rancavam os habitos ás fre-
iras, que fugiam espa-
voridas, fazia-se a pi-
lhagem nos vasos sacros,
ateava-se o fogo
aos quatro cantos dos

conventos. As trinta e seis
egrejas da cidade soffriam o saque
e as chammas iam destruir os ob-
jectos d'arte por um delirio de todas
aquellas exaltações. Viam-se as
linguas de fogo palpitantes para o
espaço, sob o céu formoso de ve-
rão, n'uma faulhagem
tetica que enchia de
terror a cidade, em-
quanto os partidos,
mesmo os revolucio-
narios, se declaravam
estranhos a esse mo-
vimento de rebeldia;
violavam-se sepul-
turas, arrastavam-se os
cadaveres das mon-
jas pelas ruas, tirados
dos cemiterios, e col-
locavam-se no alto das
barricadas, em frente
da guarda civil impo-
tente para fazer
face a toda
aquella rebel-
lião. Lá em
cima, n'um



telephonicas, não saiam com-
boios; a gréve alastrava-se e com
ella a terrível rebellião á luz dos
incendios que se avistavam dos
terraços da casaria. Bandos de
freiras corriam, pediam asylo
nas casas e os soldados perse-
gular a tiro os revolucionarios,
que iam incendiar mais longe ou
se refugiavam nas casas para
lhes responderem ousadamente.





As ruas estavam juncadas de cadáveres, bandos eram levados para os quartéis e d'ali para a fortaleza de Montjuich, que domina a cidade lá no alto d'um monte cheio de lendas estranhas

Já tinham passado quatro dias e ainda a revolta não se extinguira, e aquella linda cidade, tão or-



1—O lugar das primeiras collições em 26 de julho: o passeio de Còlon. N'um momento todas aquellas arvores foram arrancadas, os candieiros partidos e dos carros fizeram-se barricadas, juntando-se-lhes as pedras das ruas.

2—O porto a dois passos do qual fica o bairro marittimo onde apenas chegaram os echos da revolta, sem que houvesse a menor manifi-tação.

3—Rambla das Flòres, a avenida mais celebre de Barcelona, onde ha sempre muita animação agora turbada pelos acampamentos e na qual desde o dia 1, apesar de todos os estragos soffridos, se canta e se ri ao sol



do convento dos Concepcionistas e das suas ruinas faziam sempre fogo

gulhosa das suas ramblas, via-as quasi destruidas, servindo de acampamento ás tropas, que guardavam a vida dos moradores pacificos. Faltavam as provisões; ninguem se atrevia a sair ás ruas que eram bivacs, patrulhados dia e noite pelas tropas que tinham chegado. Os revoltosos tinham-se apoderado



para os soldados não lhes dando treguas. São logo vencidos os das *ramblas*, presos, e com as mãos sujas de pólvora, os olhos espantados pela fadiga da rebellião, pasmados agora, na sua excitação de raça, do que tão impulsivamente tinham praticado. Começa a vir gente á rua a medo para comprar provisões, mas logo recolhe espavorida, porque os troteiros continuam e não ha

forma alguma de os aplacar. O ataque é sempre aos conventos, agora já fora do centro da cidade, onde as tropas perseguem os assaltantes. Começam a atravessar as *ramblas*, ainda embaraçadas, os pesados carros que vão levar a carne aos domicilios na manhã, depois da lucta da noite, quasi sem outra luz que a das estrellas, porque estavam cortadas as canalisações do gaz e a electricidade feita mal conseguia trabalhar.

Lá em cima, na velha fortaleza medieva, em Montjuich, já estavam presos mais de setecentos homens; dizia-se que cinco mil mortos fizera essa revolta que apesar de tudo continuava a querer proseguir do mesmo modo.

Aquillo fôra como uma erupção d'aquelles temperamentos catalães, levados á colera mais brava



1—O monumento de Prim o liberal
tio querido dos catalães
2—Patrulha d'infanteria
3—O passeio de Colón



n'um momento e logo acalmados como se tivessem aprendido a ser assim com os mares que os seus antepassados transpuzeram para se installarem na região formosa.

Na ultima noite de julho já não se ouvia tiroeteio, mas pela manhã um novo bando surge a querer assaltar um convento e então recommençam os gritos, as correrias, os tiros, as prisões, n'um clamor que foi o ruído dominante em Barcelona nos cinco dias da revolta. Mais gente para os quartéis, algemada, entre filas de soldados, mais cadáveres que se levam a enterrar, mais noticias terriveis que se propagam ácerca da sorte dos que estão em Montjuich.

Era isto a Barcelona agora devastada, das *ramblas* formosas agora devastadas, das igrejas seculares incendiadas, do trabalho parado, dos monumentos nobres insultados, das reliquias espalhadas pelas ruas como o braço do principe seu defensor e das joias historicas desaparecidas, como as que os reis d'Aragão tinham dado á sua cathedral.

Mas de repente, ainda por sobre os escombros, ainda diante d'aquella desolada terra,





1—A Universidade

2—Santa Madrona, que foi queimada e roubada pelos revolucionarios

3—Rambla do Centro onde acamparam as tropas na defeza da cidade

em face dos mercados desprovidos, deante das ruinas, surge de novo a multidão alegre no primeiro de agosto, as carruagens, cheias de senhoras formosas, começam a circular, ouve-se já retinidamente as campainhas dos cinematographos, carros de toda a especie fazem os transportes nas ruas desempedradas; os soldados teem um ar mais calmo e mais alinho nos uniformes e já se entra na *rambla* da Catalunha e já se penetra nos jardins, já se toma logar nas *terrasses* dos cafes de que se estava saudoso e parece que aquella gente não viu uma revolução e que tudo isso foi passado ha seculos, no tempo de Rafael de Casanova, o *concelles en cap* que de bandeira alta caiu varado á frente das suas tropas. Os animatographos enchem-se; ha um vozear mais alegre, e sem aquellas ruas desca-cetadas, sem aquelles candieiros parti-



tidos, sem aquelles buracos de balas nas paredes e sem as ruinas das egrejas ter-se-hia a impressão de que Barcelona jámais saíra da sua normalidade, parecem dizel-o os olhos gaiatos das catalãs, que querem na *rambla* florir as botoeiras, como para fazer esquecer e fazer desviar os olhos de Montjuich — onde a tragedia vae findar — para se fixarem de preferencia nas suas boccas rasgadas e nos seus olhos negros, nos seus rostos gracios e nas flores perfumadas que nos oferecem a rir.

E as pequenas teem n'aquelle gesto como um arranco de amor patrio no eu recuar orgulhoso que lhes diz bem com o sorriso, com a maneira porque se acercam do transeunte, sobretudo do forasteiro, empunhando os seus ramilhetes perfumados. E' como se lhe dissessem:

— Vê que em Barcelona não deixa de haver flores, nem mesmo nos dias seguintes ás revoltas!

“NO-PAIZ-DO-VINHO”
A REVISTA DA TRINDADE



As andorinhas de louça das Caldas em carne e osso



- 1—Dália Mottili, *Diavolino*
◆◆◆
- 2—Olympia, *Andorinha*
◆◆◆
- 3—Rosa, *O gato preto*
◆◆◆
- 4—Amélia Barros, *Maria de Bordallo*

- 5—Therêza Taveira, *A carta política*
◆◆◆
- 6—Grupo de três
(Clichés da phot. FERNANDES)
◆◆◆
- 7—Etelvina Serra, *A cada*
(Cliché da phot. VASQUES)



1.—Primeiro plano: Rosa Pereira, *A indolência*—
Politicurra: Humberta, *Divida*: Este-
 Sael Deslandes, *Rotina*; Estephania, *Mãe língua*;
 2.—Scena do 1.^o quadro do 3.^o

(Cliché de

Segundo plano: Bemvinda, *Intriga*; Maria Santos,
 phania, *Ignorância*—Terceiro plano:
 Ernestina, *Miseria*—Cliché da phot. FERNANDES)
 -cto: os rebuçados políticos
 BRENOLHIL)



O THESOURO SACRO DA CASA REAL



Na casa forte das Necessidades, cuja larga entrada de ferro se escancara para nos ser mostrado o thesouro da Casa Real, avultam as peças sacras entre as scintillações d'essa maravilha que é a baixela Germain com suas delicadezas, com suas linhas gracias, d'uma

bem os tempos que tinham atravessado, as cousas fabulosas a que tinham assistido, sob os tectos altos das cathedraes, que nos impressionavam, era toda a sua historia, todo o seu passado desde a hora em que tinham saído das officinas dos ourives e lavrantes para



elegancia grega e entre as figuras de Godin que representam as provincias de França. São vasos sagrados, custodias, cruzes precissionaes, calices e pyxides, tudo d'uma tão singular belleza, d'um tal valor artistico que no maior recolhimento as fixamos, como ha tempo nos curvávamos encantados ante as peças preciosas da Sé de Lisboa.

Nas suas vidraças altas resplandecem as joias como n'um museu, as cousas em que os artistas puzeram mais do que a arte, a fé, creadas lavor a lavor,

a sagração dos prelados que nos recordavam essas lindas cousas que ali estavam tranquillias, formosas, cheias de brilho e de lenda.

A custodia de Belem, um dos mais celebres objectos de culto conhecidos, de que ha tantas descrições, de que tanto se fala, estava nimbada n'um raio de luz que vinha da janella lateral e parecia crescer, avolumar-se, com as suas figuritas de apóstolos, com o seu ouro, com a sua magnificencia. Vem do tempo opulento da descoberta, da epoca singular do poderio, quando o ouro affluta a



ornato a ornato, filigrana a filigrana n'uma unção que vinha da crença da sua epoca, trabalhadas no estremecimento religioso dos seus dedos tão poderosos como o das fadas lendarias para assim resistirem fortemente a todas as innovações. Já não era só a grandeza dos objectos, mas tam-

Portugal juntamente com a gloria das activas navegações; veiu do reinado d'esse venturoso duque de Beja que uma fatalidade fez subir ao throno deixado vago pelo homem que lhe supplicára a parentella no cadafalso, castigado na sua prole pelo feito e deixando em herança ao des-

1— Calix de prata dourada que pertenceu ao extincto convento da ordem de Christo de Thomar. 2— Calix de prata dourada que pertenceu aos extinctos conventos do districto de Coimbra. 3— A bacia que serve nos baptisados rezes



1—Cruz processional que pertenceu ao extincto mosteiro de Santa Cruz de Coimbra vulgarmente chamada cruz de Sancho I. É de ouro feita de chapa recortada e moldurada com lavores guarnecida com diversas pedras. 2—Pyxide grande que pertenceu ao extincto mosteiro d'Alcobaça

rendente das victimas todas as grandes cousas iniciadas que geraram depois o reinado de venturas do homem coroado de maior felicidade que se sentou no throno portuguez. Lá diz a custodia maravilhosa no seu friso, no destaque das letras esmaltadas a branco: O. MUITO. ALTO. PRINCIPE. E. PODEROSO. SE. NHOX. REI. DÓ. MANUELI. MD. V. FAZER. DO. OURO. I. DAS. PARIAS. DE. QUILVA. AGUABOV. C. C. C. CC. VI. Seis espheras amillares dão, além da inscripção, a nota do tempo e as aves e as flores esmaltadas mostram já a superabundancia de detalhes da forma manuelina. Na cupula vê-se S. Pedro abençoando entre tanta maravilha de filigranas columnasinhas gothicas que parecem não poderem desprender-se d'elle os nossos olhos extaticos. Mas onde ha uma arte extranha que mostra bem o valor do artista é nas figuras dos apóstolos prostradas em adoração junto ao hostiario. O esmalte dos seus rostos pe-

queninos é d'um colorido que resistiu ao tempo, e a expressão das suas physionomias encanta porque tem muito de real com os detalhes dos seus corpos, as prégas das suas vestes, cousinhas tão perfeitas, maravilhas tão completas que se fica, sem querer, a pensar como tal obra se poudo fazer, que arte foi necessaria para essa vida que ella tem desde seculor e como aquelles apóstolos orando teem diversos os rostos, não são do mesmo molde, como se para cada um d'elles houvesse cuidados especiaes para se não parecerem, para não serem a mesma figura repetida.

Depois toda a sua composição, todos os seus arrendados, desde o pé até á cupula são d'uma perfeição artistica realmente extraordinaria. O illustre escriptor sr. Ramalho Ortigão, falando da Custodia de Belem, diz que os dois pilares do corpo central são manifestamente uma superpetação interpolada na obra primitiva cerca d'um seculo depois, observação que já fôra feita pelo distincto critico sr. Joaquim de Vasconcellos. O illustre bibliothecario d'Ajuda afirma ainda que esses pilares são de prata, o que comprova não serem da primitiva factura da obra prima. Aos olhos profanos, porém, não se apresenta o facto; a vista fixa-se deslumbrada n'aquel-

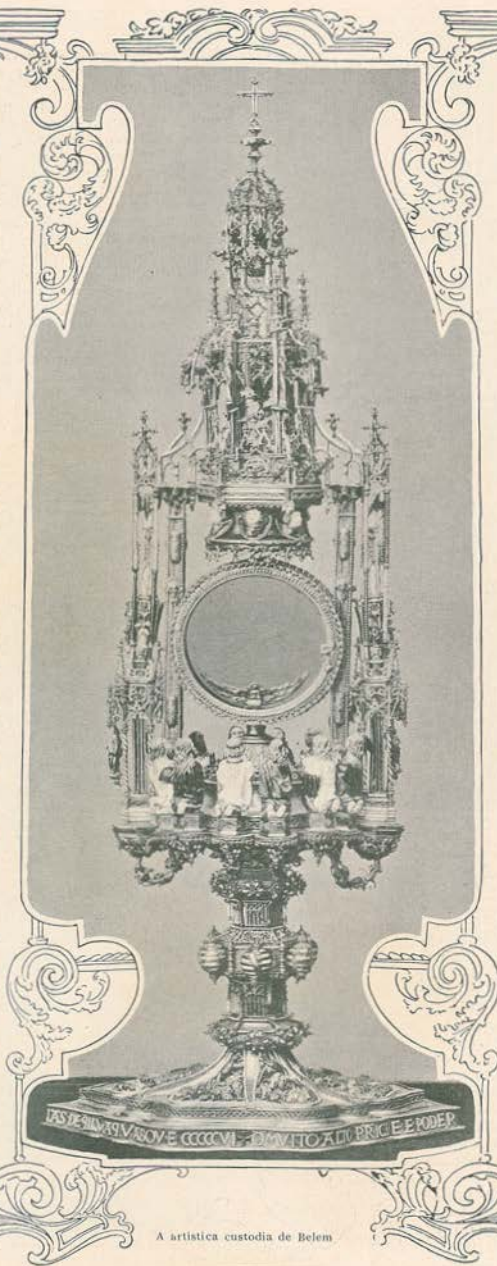


les rendilhados e só depois d'um aviso, d'uma observação attentissima é que se julga vêr claramente a razão. Não desmerece, porém, em arte, a custodia famosa, é do mesmo modo bella, não, decerto, como a começo, quando o ourives a entregou, filha do seu pensamento, sa'ndo das suas mãos como a pensáa, mas deveras encantadora pelas figurinhas, pelos lavrados, pela sua extraordinaria fabrica. D. Manuel guardára no seu thesouro a maravilha, que era um symbolo com todas as marcas do seu tempo, feita com o primeiro ouro de Quilôa, mas prestes a morrer legou-a no seu testamento ao mosteiro de Belem nos seguintes termos:

«Item mando que se dê ao mosteiro de Nossa Senhora de Belem a custodia que fez Gil Vicente para a dita casa e a cruz grande que está no meu thesouro, que fez o dito Gil Vicente.»

O rei que fizera erguer o templo como um padrão das descobertas, com a seu portico d'allegoria, com as suas columnas, com os seus symbolos, achava que ali ficaria bem guardada a custodia, que era outro padrão. Entregou-a aos frades n'uma dadiwa generosa e ella lá ficou recordando as descobertas no templo erguido no logar d'onde Vasco da Gama partira para se abalançar á empreza.

O nome do ourives da custodia de Belem deu logar a disputas; aquellas syllabas resonantes d'uma gloria de escriptor não pareciam deixar duvidas ácerca do auctor da obra preciosa.

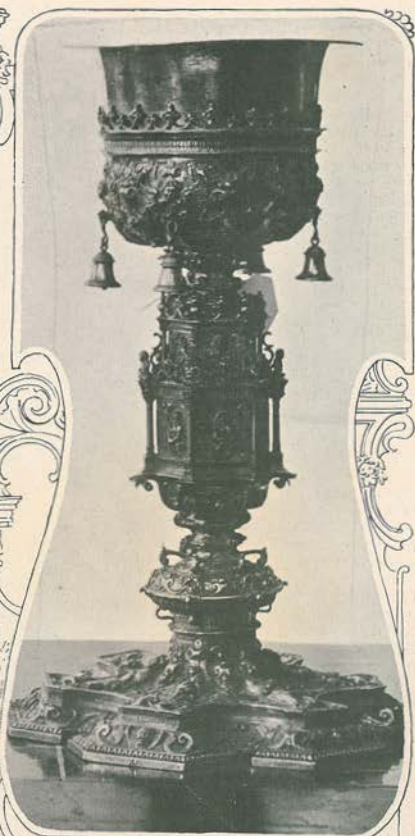


A artistica custodia de Belem

Gil Vicente! Não havia duvida; era o mesmo; aquelle que creára o theatro portuguez, que fora na corte o querido audacioso dos autos deante do quaes os palacianos riam com o rei e com a rainha. Não lhe bastava essa arte que o tornára immortal, essa arte de dizer as verdades fazendo rir os alvejados, de dar conselhos parecendo brincar, era ainda um artista tão singular que creava essa joia que o convento de Belem abrigaria durante seculos? Mas, não. Parece demonstrado por averiguações genealogicas do illustre escriptor recentemente fallecido, sr. visconde de Sanches de Baena, que o auctor da maravilha era um outro Gil Vicente, tio do dramaturgo e ourives de Guimarães. Seja como for na familia do fundador do novo theatro fica mais essa gloria da execução da custodia maravilhosa, sem duvida uma das mais preciosas joias sacras de Portugal.

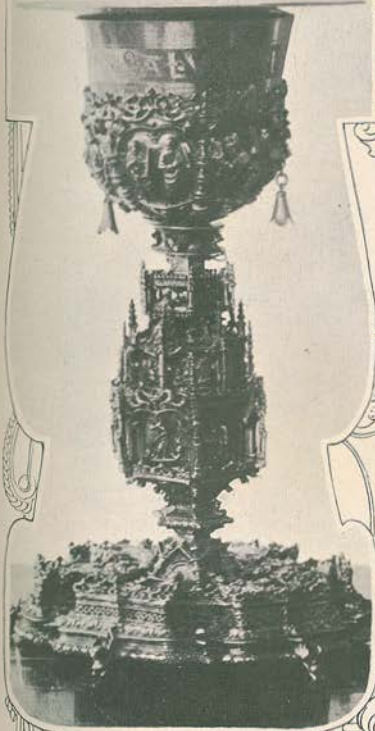
Tambem no thesouro da Casa Real está uma cruz que pertenceu ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. É d'ouro, incrustada de pedras preciosas, conhecida geralmente por cruz de D. Sancho I. Brilhannos seus engastes raphiras e rubis n'uma cercadura de perolas e aljofares. Nos cinco rubis maiores ha caracteres arabes gravados, havendo duas figuras de animaes. Antes de pensar que um artista arabe trabalhasse esse emblema do culto christão é necessario evocar uma tomadia, uma refrega nas terras da mourama, com cavalleiros couraçados nos arnezes e na

fê, desbaratando inimigos e to-
mando-lhes os thesouros, entre os quaes o
rei escolheria as pedras mais formosas para en-
gastar na cruz que desejava offercer ao mos-
teiro de Coimbra e que foi legada por seu tes-
tamento. A sua authenticidade está marcada na
inscripção onde se lê: *«Dñs Sancivus rex jussit fieri
hac+ año incarnatiõis MCCXIII». O symbolo dos
quatro evangelistas, anjo, aguia e touro, alado, estão
nas extremidades d'essa cruz curiosa e d'alto valor pela
sua antiguidade. No emtanto já um distincto escriptor
disse que a cruz tanto pelos engastes de ornamentação
filigranada, como pelo seu systema decorativo, deve ser
trabalho d'artista arabe christinizado, marcando-se bem
a sua origem nos caracteres das pedras preciosas. Diz
tambem que esse systema decorativo ficou tradicion-
nal na ourivesaria nacional e que ainda hoje se encon-
tra nas arrecadas das mulheres do Minho a sua nota
dominante. Tinha essa cruz um Santo Lenho que foi
tirado e de que a *Chronica dos Conegos Regrantes* dá
noticia. Tal é a cruz de D. Sancho, que evoca os
seculos da lucta no solo do que é hoje a nação, a
conquista feita aos mouros, como a custo-
dia de Belem relembra e symbolisa a*



1 — Calix grande de prata dourada
que pertenceu
aos extinctos conventos do districto
de Coimbra

2 — Calix de prata dourada que pertenceu aos mesmos
conventos



descoberta, a audacia, a temeridade d'outra conquista
mais difficil.

Após a analyse d'estas duas peças apparecem ou-
tras, muitas outras, gomis, pratas, calices, lampadas,
bandejas, corôas sagradas, pyxides, relicarios, obje-
ctos que não cabem n'um curto artigo, para os quaes
seria necessario um volume de discripção e uma in-
vestigação cuidadosa. Limitamo-nos a apontar os mais
preciosos e aquelles que mais curiosos nos parecem
entre tantas maravilhas que existem n'essa casa forte
onde estão com ellas todos os attributos seculares da
realeza.

Uma grande bacia de prata onde estão incrustadas
moedas varias é a que serve nos baptisados regios, é
a que assiste á entrada nas honras dos principes e dos infantes e que se usou
já em algumas gerações na casa reinante.
E' apenas curioso o objecto porque com
um pequeno saleiro de ouro, que serve

tambem n'essas cerimoniaes, recorda algumas epochas, assistiu ao alvorecer das exigencias d'alguns dos principes que tem reinado em Portugal, de seus irmãos e irmãs, sendo como commum recipiente que contém a agua ao escorrer d'essas cabeças infantis nas quaes está ás vezes todo o destino de um povo, a agua lustral que se christianisa como mais tarde aquella corôa d'oiro e aquelle sceptro fino, com a sua esphera armillar e que estão a dois passos, dentro d'uma grande vidraça, as enthronisa, as torna soberanas. E é isso que ali se mostra, todas as cousas que se ligam á existencia publica dos reis e para as quaes se olha de perto como o pasmo de serem tão simples, a corôa, o sceptro, o saieiro e a bacia dos baptisados, quasi tão pobres quanto são sublimes na sua expressão d'arte os objectos do culto sagrado como a custodia, como a cruz, como todos esses calices em que ha allegorias, belleza, em que a alma do artista vibrou intensamente. Ha pyxides de prata cinzelada cravejadas de pedras, quasi todas do seculo XVIII, calices gothicos de prata dourada, um com seus baixos relevos, anjos, apostolos, o presépio, a adoração dos reis com a sua legenda latina, que vem do seculo XVI e pertenceu ao convento de Thomar, outros com os quatro evangelistas, a Virgem e Santo Antonio, todos a relembrarem as grandes cerimoniaes a que assistiram os reis e nas quaes os bispos ao erguerem aquellas joias sagradas sentiam que as mais poderosas cabeças se curvavam. E assim tudo por aquellas salas espaçosas onde fulgura o oiro e as pedrarias, onde ha recordações da vida de tantos seculos e



de tantas pompas, onde fusilam nas suas pedrarias as condecorações dos reis dadas como benz da corôa e que tem figurado nas maiores solemnidades cheias de legenda, de riqueza e de prestígio.

E' realmente curiosa essa sala onde os metaes resplandecem, onde as pedrarias refletem, onde as peças da baixella Germãin scintillam, os samovares exóticos, as cafeteiras estylisadas, as pratas preciosas, as figuritas galantes que Godain tão bem executou. Ha peças no thesouro que se julga terem pertencido á casa ducal d'Aveiro, recebidas pelo confisco após a tragedia do patibulo de Belem, e ao notar todas essas bellezas evoca-se na residencia do conspirador a festa em que se preparou a tentativa de regicidio e todas as peças passando á luz dos brandões, ricas, scintillantes, enquanto o seu dono ia para a embuscada para o acto que lhe devia custar a vida.

Dentro da casa forte, n'aquelle silencio, que mal é perturbado porque todos vivem extaticos na analyse dos objectos mais ricos e mais artisticos, está-se como n'um sonho. Não faz falta ali a luz do sol,

que no emtanto de quando em quando chega a incidir sobre os objectos, porque elles parecem irradiar um brilho proprio, o brilho da sua

lenda, mas sobretudo dominando o fulgor divino da arte incomparavel com que foram trabalhadas, da inspiração do ourives

que fez essa custodia de Belem, a que deu alma como os singulares artistas de Reims que tudo criaram na cathedral com o pensamento em Deus.



1—Custodia de prata dourada
2—Moldura para a sacra 3—Sacra

(Clichés de BESNOUËL.)

A REGATA DO REAL CLUB NAVAL DE LISBOA



1.—A canoa *Emília* vencedora da 1.ª regata dos monotypos, do sr. Bernardino Ferreira os Santos

2.—O jury a bordo da canoa *Fatmiza* do sr. Wimmer



3.—O sr. Daenhardt consul da Alemanha e o sr. Duarte Holbeche a bordo do seu yacht *Balena*, que acompanhou as canoas. O sr. Wimmer no percurso da corrida



4.—Aspectos do rio na occasião da regata



Um bello quadro marítimo: A largada das canôas

(Clichés de BENJOLIEL)

ELEGIA DA LENDA

nios. E da escadaria vasta, da hirta solemnidade dos seus lanços, cae o silencio como um corpo morto.

A irmandade das columnas adormeceu, na frieza da solidão que não se sabe d'onde vem,—se do ar, que se não move, se das paredes, que não abrem o sorriso das janellas cerradas. Nas penumbras, que entram sem ruido, os faunos e os gigantes dos frontaes nem dão pelo escuro mais denso. Arvores do jardim, não lhes bole o vento, de adormecidas, dobradas para a sombra; e cuido que nas flôres parou a dança das selvas, com medo do silencio...

Do velho Pateo deserto fugiu um sopro de vida; as coisas parecem mummies antigas que ninguem acorda.

—A Porta-Ferreia, leitor... Aqui tens a Porta Ferreia, essa da lenda, das troças, das montarias. Gastou-lhe o tempo o cancelado das columnas; e aquelle rei de pedra, que ha seculos contempla as gerações que passam, lá está immovel, como um fakir em extasis, na parada contemplação da vida. Toda aquella solidéz tem um ar de fumo, d'uma ruina que ameaça o tempo, os seculos, o infinito.

Creio que já a ouviste rumorosa, nos annos distantes da *praxe* e do *cancelão*. Então ainda a Porta-Ferreia era um castello feudal, onde só as graças do senhor davam entrada.

Saíam as mulhas enгуizadas da aldeia, a conduzir-te, *menino e moço*, para a lide dos estudos.

Jesus, leitor! Tu ias para o fim do mundo: — e ás vezes não tinhas mais que tres leguas de caminhada... Partias: e cres-

Anda agora o crepusculo a manchar na meia-luz da sombra o velho Pateo abandonado. Ainda ha recantos onde o poente expira, na claridade derramada pelo

branco do casarêdo; mas nos velhos porticos, sobriamente classicos, já a noite surgiu dos intercolumnos.

cia o côro das lágrimas, dos parentes, dos amigos. Era a Porta-Ferreira o papão. Tu tremias, mal agitado na mula; e durante um anno inteiro, esse rumor das *praxes* á Porta-Ferreira perseguia-te sempre, no mesmo susto que já teu pae te legára.

A Porta-Ferreira era a lenda de Coimbra, era Coimbra inteira,— todo um vocal de episodios, que inda se gostam de ouvir contar, e a *praxe* aleitára o estudante folião e travesso, bohemio e

A procissão dos lentes em dia de capello

estoiira-vergas.

Praxista foi Camões, esse das troças nocturnas, de capa negra traçada no rosto, esse que a lenda resa— garboso cavalleiro — que sustinha as Mondágides á tona de agua, encantadas só de ouvil-o. Garrett, *peito as armas feito* no batalhão de estudantes, ainda o lembra a tradição como trocista afamado. E Anthero devia dar capellos na Faculdade do Infinito áquelles que atravessava a Porta-Ferreira, fugidos ao torrão m nhoto, onde a Symbolica de Vico não entrára.

Revê-a agora, leitor. A noite caiu de todo, mergulha toda na sombra essa abobada silenciosa que a inunda por igual com o seu silencio de pedra. Ha em ti, leitor que geraste a lenda, qualquer coisa de cruclante e vago, que te falta e a que estavas costumado! Aquellas columnas decrepitas teem o ar de quem está morto e espera rigidamente alguém que nunca mais volta.

Ai de ti, leitor: nem é a illusão da noite, nem mesmo a illusão da pedra! A Porta-Ferreira já não é mais do que um portão banal, todo pintado de verde. . . —Além, a torre. . . Lá no alto a cabra. . .

Mas nem a cabra escapou. . . Essa que mais alto ficava, que dominava a cidade com o som tragico que adivinha um somno mau, a lição má no outro dia,—já ninguém a toma a sério. D'antes sim, que ao dar das seis, quando a sua voz repercutia das quebradas fronteiras, era a cidade toda que regressava á *Alta*, com o ar pesado e contrafeito que ella espalhava, a lembrar o terror do mestre, o seu olhar tyranno, o *estenderete*. Por este tempo ainda o jantar era ás tres horas, e a *sebenta* lytographava-o Manuel das Barbas, aos poucos, como bebia os copinhos de aguardente. Depois tudo passou; a imprensa dá-nos *lições*, — e o lente já joga o bi-

lhar com os estudantes. . .

Ainda hontem um lente meu amigo me dizia. . .

A torre já não serve para nada. O Antonio Nobre previu-lhe a decadencia, nos seus soluços de propheta luzitano; e para memoria dos vindouros, quiz lá deixar em alcool, enfrascado, o Pedro, esse que, quando erguia o braço na aula, fazia do coraço; dos *caloiros*.

Mas a sociedade perversa e má, sem respeito á

Como o caloiro entra em Coimbra em 1909 e como o estudante é na realidade

tradição, levou esse monumento para um cemiterio vulgar. . .

Agora só a utilizam os *touristes* inglezes, de Baedeker, a quem o cicerone recommenda o panorama. Assim, parada e direita, essa que fez tremer com *ge*rações, perdeu o aprumo cathedratico da lenda; parece até que minguou e se ficou a dar ares d'um caixote esburacado onde os meninos saltam, curiosos de sa-

bero que fica da outra banda. . .

Real Capella. . . Um nome que evoca cerimoniaes doutoraes, o auxilio da Virgem descendo sobre o estudante na figura alada do Espirito Santo. Seguia a procissão dos lentes, de capello vermelho, ou amarello—ou verde, atraz do senhor Reitor e o doutorando, as alabardas dos sarcheiros tinfindo, e o orgão a recolher as orações.

A char mella ainda toca, os lentes inda buscam o mesmo aprumo,—mas os concorrentes, aqui p'ra nós, já piscam o olho aos rapazes, a rir-se d'aquillo tudo.

A lenda que desaba. . .

Eu ainda sou do tempo—vê lá tu, leitor—em que ser lente era quasi ser rei. A minha aldeia affirmava que até



ministros lhes iam ao beijão... E talvez tu não acredites se te jurar que ainda hontem encontrei no Favas penhorista, como um despojo archeologico, um capello de direito...

Ah! meu amigo: aos hombros dos lentes graves, em plena ViarLatina, archei-

ros a abrir caminho, a charamella atraz, o capello vermelho era ainda a evocação

medieval da Bolo-nha dos *glosadores*. Por elle nos lembravam D. Diniz e João das Regras, a cathedra antiga e as theses legendarias em que Virgílio vinha a par de Justiniano; e era por

voadas que nunca voltam!—e, sabes, leitor? —entrou o gaz nas doutoras!

Nem um murmúrio corre pelo espaço; o velho Pateo abandonado parece que soltou a vida e adormeceu n'um pesado somno de que a vida já não consegue acordal-o.

Se em vez das algazarras d'outros tempos nós

Tipos de Coimbra

enchessemos estas paredes silenciosas com um ruído novo de vida ardente? Se quebrássemos estas columnas, hirtas como a linha recta, e n'um furor selvagem, aspero e cego, derrubássemos este corpo morto, cemiterio de lenda esphingicamente empalhado?

Então seria tudo um campo igual onde a fuligem do sol tremesse continuamente, em accesas allucinações de vida. Mal as primeiras côres entrassem a boiar no crepusculo indeciso da manhã, acordal-a-hiam ranchos de moças nas suas canções de prata. Agora, n'este tempo, a vista haveria de perder-se, entontecida e coalhada, nas papoilas escarlates, a erguerem-se para o ar em gritos sanguinolentos.

E todos nós, os que sentimos silencio e morte em torno, aqui viriamos, em cada anno, lembrar a vida renovada, n'uma festa ruidosa, da cor do sol, junto da festa das seivas e dos rythmos sensuaes da natureza.

E em vez da confusa penumbra definida onde as cousas paramam, todo o ar seria cheio do mesmo grito, n'um delirio saturnal e pagão, onde a vida immortal se presentisse:

—Evohé! Evohé!

Coimbra, junho, 909.

VEIGA-SIMÕES.

Nota da redacção

Com effeito a lenda vac-se perdendo, não só na Coimbra das tradições, mas por toda a parte. A lenda, como mostra o nosso collaborador, dilue-se, apaga-se, deixa-se cair aos pedaços, as gerações teem passado sobre ella como um ruído trocista e arruaceiro. As velhas cousas do passado ficam vivendo apenas



A tricaninha em 1909

amôr d'elle que ainda reviviam actos grandes em que uns e outros representavam nas scenas da Meia-Edade... A cathedra matou-a o caruncho, fizeram d'ella um pulpito; e esse capello desbotado, que encontrei sobre uma meza de pinho, tinha um letreiro glacial,

que endurece a lenda e arremata o somno: «5\$000 réis».

Ao seu lado a borla amachuca-da deixava pender o punho, perdida a erecção dos dias grandes em que o loiro engrinaldava a esc d'aria nobre.

Já mal pude encontrar n'aquillo os triumphos celebrados, as esperanças e as glorias que eram todo esse dia em que pela vez primeira assentou nos hombros d'algum lente. E tive por esse despojo vermelho o mesmo nojo que se deve sentir por uma linda mulher, depois de morta, com moscas a poisar nos flancos apodrecidos.

Agora a Via-Latina, dos ruidos, das discussões em latim e grego, está deserta. Nem consegue enche-la esta sombra imponderavel que ainda immobilisa mais as coisas. Tem a frieza das cathedraes vasias,—e é esteril como uma lição de Direito Ecclesiastico... Dia a dia a lenda emigra em re-



n'alguns espiritos, n'um reflexo pallido e triste; para outros, para a maioria, avida instinctivamente de progresso, ha a ancia iconoclasta de a demolir. Out'ora deante dos grandes cortejos imponentes em que se iam sagrar os reis o povo ajoelhava, agora olha tudo isso sem curiosidade; as procissões religiosas arrastavam atraz de si

tenha para elle um encolher de hombros, porque vem turbar os nossos habitos, ferir as nossas idéas, maguar as nossas crenças, alterar os nossos pensamentos. D'aquillo que ainda vimos, que ainda nos fez pensar, podemos guardar a saudade. E' o que se guarda d'uma mulher que amamos, que achamos formosa, e que encon-



a gente das cidades, que se humilhava; agora ha uma grande indiferença pelos pallios ricos, pelos pendões alteados, pelos symbolos. O tempo passado sobre todos elles vestiu-o do musgo

que os vae desformando e os povos olham-nos no mesmo desdem tido para os velhos restos de outras civilizações topados nos escombros, porque tudo tem o seu logar e o seu momento, e passado elle surge por um aspecto grotesco. E' assim que nos rimos dos idolos pagãos que foram os deuses d'outras raças, que tiveram altares, gente curvada deante d'elles, toda uma superstição a fazer dobrar os joelhos, todo um terror a obrigar ás ofertas, todo um preconceito a fazel-as defender pela força dos soldados e pelo amparo das leis. O passado não resuscita sem que se

Como a tradição nos faz amar o estudante da lenda e a tricana

trada depois no declinar, não sendo já vista com olhos amorosos, nos relembra um bello tempo, mas que começamos a encarar como uma ruina. E assim tudo o que passa, tudo o que vem fóra de tempo, tudo o que não pode entrar no nosso espirito como uma religião. O gesto do espadagão de Carlos Magno á frente dos seus pares de França faria hoje rir como os reiseiros barbaçudos cantando lóas por essas aldeias, porque seria aos nossos olhos pouco prestigioso como essas torres altas da Univercidade, a cabra que tanto fez tremer o calvoiro, o senhor lente

que era terrível como um severo juiz e indiscutível como um grande dogma.

Nos *Reis do Exílio*, de Daudet, essas velhas cousas da lenda, os reis, passam aos nossos olhos despidos dos mantos que os vestiam nas côrtes e começamos a vê-los como simples mortaes, como com o riso nos lábios vêmos pas-

de fortalezas, com mulheres de braços erguidos em gestos de colera, e diante de tudo isso, dos maestros, dos heroeas fabulosos, dos tremendos deuses de quella escanca-



Como o caloiro da lenda entrava em Coimbra
*Longe venit de monte novatus
Ut matriculetur; nomen vi vite recordat*
Jan Fernandes eral, . . .
Do Palito Metrico

sar velhos coches reaes de brazões meio apagados nas portinholas cheios de *clowns* enfarinhados na pista do Franconio. E' a lenda que morre, que se despe, perdida a grandeza, fóra do preconceito que fazia outr'ora morrer queimado aquelle rei cuja camisa se incendiára e que só um funcionário palatino especial podia despir.

Mas a nota mais curiosa da morte da lenda, do seu desabar por entre o ruído das gargalhadas, marcou-se ha tempo n'esse Japão famoso das *musmées* dos idolos, das macieiras floridas. Fez-se, para exaltar o brio nacional, um cortejo em que entravam todas as cousas do passado, em carros formidaveis e allegoricos com os dragões, os velhos nobres, os *kaimios* de tunicas d'aço, despedindo os seus golpes contra muralhas

rada o povoleu soltou uma gargalhada, repetida por uma multidão, ao mesmo tempo que clamava: Fóra! Fóra! Isso é o passado!

E assim no meio da risada estridula e trocista do povo japonéz elle afirmou o seu desejo de marchar para o futuro.



A Porta-Ferrea
(Caricaturas de LUIZ FILIPPE)

PAIZAGENS DE VERÃO EM AFIFE

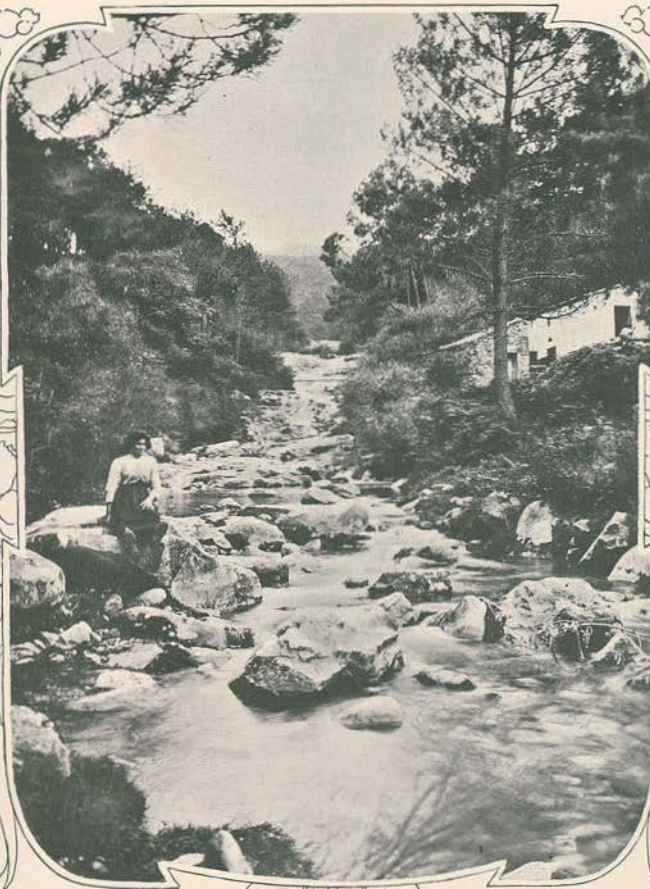


Viveram ali os romanos, assim o afirmam os restos encontrados nas excavações feitas junto aos montes da Cividade e do Crasto, que parecem ter sido fortificados. Por lá aparecem restos de muros e também pedras lavradas e tijolos que o indicam. O povo colonizador fixava-se por todo esse Minho formoso e parecia escolher de preferência os mais lindos lugares, porque Afife é realmente bella com o seu ribeiro que corre sob uma ponte forte, vindo do Chão de Covellos, na serra de Cabanas. Saltita e canta pelas abas do monte e vae a passarsobos pontilhões



em Loureiro, Serra, Porto do Rio e Feal. Nos campos férteis trabalham as raparigas com seus trajos garridos, na sombra das grandes arvores, porque os homens quasi todos emigram á cata de fortuna, para Lisboa e Porto, ou para Brazil, onde vão exercer os seus officios de pedreiro e estucador, como a obedecer a uma lei atavica que o leva para as artes e o faz desdenhar os trabalhos ruraes. Ha bocados, á beira de Cabanas, que são verdadeiros jardins, terras de que não se perde uma nesga, muradas, com as suas arvores altas destacando em face do escalvado do mon-

1—Nos campos de Afife
2—Cabanas : O solar do sr. conselheiro Adolpho Pimentel



Cabanas:

o ribeiro

te vizinho, e nas quaes a mulher com a sua saia curta e debruada, o casibeque branco, o lenço de côres vivas amarrado à cabeça, vac movendo a enxada de cabo comprido, cantando sempre alegremente, porque, como bem observou Eça de Queiroz, n'esta terra laboriosa toda a tarefa se faz cantando, como se fôsse um rito, uma grande cerimonia, um alto dever. Pinheiros frondosos, alteados rompendo até mesmo de junto dos penedos, abrigam as cachopas nas horas de descanso e as creancinhas que as seguem muito attentas no seu labor entretidas no vêrem as espadeladas do li-
nho alvo que

as suas mãos vão docemente penteando e de que se fazem as roupinhas que se embalsamam no cheiro do trevo após a lavagem no ribeiro. Não são só esses trabalhos doces que as mulheres fazem na terra d'Áfife como na da Areosa; é vê-las, e algumas bem galantes, movendo o machado, alteando-o com força, a rachar a lenha, os toros que se vão empilhando enquanto os seus dorsos se curvam e das gargantas saem sons de canceira, logo, d'ahi a pouco, esquecidos, transformados nas cantigas mi-
nhotas.

Tambem aos domingos
as lavadeiras gentis que
ouberam

ganhar o seu socego d'um dia, apparecem d'aventalinhos bordados, chinella pespontada, grandes lenços de ramagens vivas sobre os seios galantes, as cabeças levantando como toucadas a recordarem as mulheres da Galitzia, no vivo das vestes e na formosura. Carregam-se d'ouro, grilhões e arrecadas que ellas compram com o seu trabalho rude mas nas festas são as mais garridas das mulheres do Minho, ao dançarem junto ás fontes ou pelos adros vetustos das suas egrejas seculares.

O mosteiro de S. João das Cabanas, onde ellas vão, foi albergue de S. Martinho de Dume, que o fundou n'um tempo bem remoto, em 573, quando os muros de que se encontram vestígios estavam alteados e os traços romanos affirmavam dominios. Lá estiveram os frades bentos e lá foram dois seculos depois os arabes a uma *razzia*. Destruíram tudo; depois reedificou-se em 1382 e hoje lá se mostra no seu granito rijo tirado da serra d'Affife, forte como o marmore e alvo como elle. Che-



gou a haver até 75 religiosos, que levavam bella a vida n'uma larga prosperidade, olhando o Oceano e a extensão enorme das campinas que os muros de pedra solta, tão pittorescos rodeavam como ainda hoje. Esse lugar do Minho é sitio de tanta belleza e de tanta labuta, que nos detemos a pensar que se Deus deu a ridente natureza ao povoado, as mulheres que ali trabalham lhe souberam agradecer cultivando-o. Alteam-se as casas brancas com o seu typo bem minhoto, as vinhas entrelaçam-se e verdejam os campos, cortados ás vezes pela brancura d'uma estrada sem que haja um torrão desaproveitado, como se vê do

alto de Santo Antonio ao ir-se á romaria a reparar n'essas lindas mourinhas de trabalho que trepam aos serros e de lá atiram ao povoado as suas canções alegres em que se fala d'amores, dos fructos saborosos, da natureza, n'uma grande evocação da vida livre, das flôres e do mar azul que lhes leva para longe os maridos e os filhos, mas ao qual ainda enviam trovas d'encanto.



1—No ribeiro de Affife
2—As mulheres colhendo sargaço no mar de Affife
(Clichés do amador sr. JOÃO DE AZEVEDO)

Madame

O passado, presente e futuro revela-
do pela mais celebre chiromante e
physionomista da Europa

Brouillard



DIZ o passado e o presente e preza
o futuro, com veracidade e rapi-
dez é incomparável na vaticina-
ções. Pelo estado que fez das
sciencias, chromanicas, chronologia e
physiologia e pelas applicações praticas
das theorias de Gall, Lavator, Desbarrol-
les, Lambroz, d'Arpenigne, madame
Brouillard tem percorrido as principaes
cidades da Europa e America, onde foi
admirada pelos numerosos clientes da
mais alta categoria, a quem predize a
queda do Imperio e todos os aconteci-
mentos que se lhe seguiram. Falta por-
tuguez, francez, inglez, allemão, Italiano
e he-spanhol.

**Dá consultas diarias das 9 da
manhã ás 11 da noite em seu
gabinete :**

ua do Carmo, 43, sobre-loja—**LISBOA** Consultas a \$1000 rs.
2500 e 5000 rs.

GRATIS
125 machinas
fallantes



De accordo com o fa-
bricante resolvemos dis-
tribuir durante o cor-
rente mez absolutamen-
te **GRATIS** estas magni-
ficas machinas modelos
de 1909 Remettem-se
catalogos e condições a
quem enviar uma estamp-
ilha de 25 réis á **CASA**
SIMPLEX DIC VIOLETS
1008 e MACHINAS FALANTES, de J. Castello Branco, Rua do
Corro, 48 e Rua de Santo Anão, 32 e 34—**LISBOA**

HEMORROIDAS

CURAM-SE COM OS
SUPPOSITÓRIOS
ADRENO-STYPTICOS
MIDY

EM 20 DIAS CURA RADICAL
ANEMIA e **INFALLIVEL**
CÓRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA
PELO
Elixir de S. Vicente de Paula



Em todas as Pharmacias ou no Deposito GERAL.
CURIEL e DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.º LISBOA
1300 réis o frasco franco porte em todo Portugal
PFLÖLLE, Mars', 2, Faub' S'-Denis, PARIS

Companhia do 270, R. da Princeza, 276
****** LISBOA ******

9, R. Passos Manuel, 51 **Papel do Prado**
****** PORTO ******

estalladas para uma produção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispo-
s machinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Proprietaria das fabricas do
rio, Marlanala e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle
Maior (Albergaria a Velha).

em em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho,
uma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer
qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma.

nder, telegraphicos: **LISBOA, COMPANHIA PRADO**
PRADO — PORTO — LISBOA

Numero telephonico:
508

AGENTE EM PARIS: CAMILLE LIPMAN, 26, RUE VIGNON



Academia allemã para engenheiros
Vismar a. d. Ostsee, para engenheiros machinistas
e electricistas, architectos e engenheiros de obras.

LOCAO DE QUEIANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia**
de **Medicina de Paris** contra o mabeulso da
Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo
L. DE QUEIANT Pharmaceutico 38, Rue Chateaucourt Paris
Em **LISBOA** 15, Rua dos Sapateiros, a quem deve-
dirigir para todas as informacões exatissimas
A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Uma agradável
surpreza

Lima (Peru), 1 de fevereiro de 1898.
III.º Sr.
Grande foi a minha surpresa ao receber o
contheudo do seu bonito cofreinho «Dentol».
E' delicioso o perfume do «Dentol»; o frescor
que deixa na bocca é expiusto. Afflicções-
tas que elle o preferido de todos os dentifricos
que tenho experimentado.

Podeu V. S.º estar certos que empregarei
todos os meus esforços para propagal-o tanto
quanto elle merecer ser apreciado. E, por mi-
nha parte, ha de ser elle sempre o producto
de minha preferença.

Queiram aceitar V. S.º os protestos de
meu p affeto reconhecimento.

Assignado: **M. RESTREPO**, magistrado em
Lima (Peru).º

«A verdade sobre «Dentol» (agua, pasta e pó) é um dentifricio soberanamente anti-septico e com um cheiro agra-labilissimo.

Creado conforme os trabalhos de Pasteur, elle destruo todos os microbios ruins da bocca; impelle e cura com certez a carie dos dentes, as inflammacões das gengivas e as doencas da garganta. Em pou os dias, dá uma brilhante alvura aos dentes e destroe o tartaro. Elle deixa na bocca uma sensação de frescura deliciosa que dura bastante tempo.

Posto puro em algodão no dente, calma instantaneamente as mais violentas raivas de dentes.

LISBOA:

J. P. Bastos, drogulista, R. Augusta, 39,
Pires Tavares, R. do Principe, 430.
Pimentel e Quintanas, R. da Prata, 198.
Balsemão, perfumaria, R. da Concei-
ção.
Thomaz Mendonça & Filhos, perfumaria, Calçada do Combro, 45.
Crisier, perfumaria, R. Aurea, 430.
José Alexandre, artigos de Paris, R. Ga-
reit.

PORTO:

Rodrigues Irmãos, drogulistas, R. das Flores,
453 a 457.
Lima e Ramos, Largo dos Loyos, 36.
Almeida e Leão, Rua Mousinho da Silveira e em todas as boas casas que vendem a perfumaria.

Brinde aos nossos leitores

Basta mandar ao sr. Marius L. THELIZÉ, agente geral do DENTOL em Portugal, Praga dos Restauradores, Lisboa, 100 réis em sellos do correio recommendando-se de de..... (indicar aqui o nome do jornal)..... para receber franco de porte pelo correio **uma linda caixinha** com um vidrinho de Dentol, uma caixa de Pasta Dentol e uma outra de Pó Dentol.

Para encadernar a
Illustração Portuguesa

Ja estão á venda h nitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da **Illustração Portuguesa**, **PREÇO 360 REIS**. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remeida em valor do correio ou sellos em carta regist. Cada capa va acompanhada do indice e frontispicio respectivos.

Administração do SÉCULO—Lisboa

Representantes em Milão **BLANC FRÈRES**
17, VIA ARIOSTO

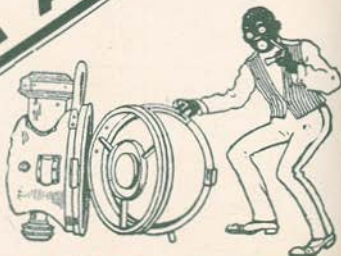
Pharol dos Reis

PORQUE É O

Rei dos Pharoos

Os melhores Pharoos
SÃO:

B. R. C. ALPHA



RODRIGUES GAUTHIER & C.^A 67, B^O DE CHARONNE
PARIS

DISPONIVEL

DISPONIVEL

Concurso de 1909

O **SECCULO** organisou para o anno de 1909 um novo concurso, cuja importancia e simplicidade são superiores em tudo ás dos concursos anteriores.

TOTAL 4:528 PREMIOS

representados por objectos da maior utilidade para toda a gente. A sua distribuição deverá realizar-se no fim de 1909; será publica e presidida por commerciantes, industriaes, artistas e pela auctoridade civil.

Publicamos hoje mais um pedaço de um todo que vos dará a felicidade futura. Collocae-o na vossa caderneta de coupons e tereis alcançado meio caminho para a fortuna.

